



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

A RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL
SOCIOECONÓMICO E OS
INVESTIMENTOS E ESTILOS
PARENTAIS: O PAPEL MEDIADOR
DO CONFLITO TRABALHO FAMÍLIA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Tatiana Filipa da Cunha Silva

Porto, Julho e 2019



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

A RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL
SOCIOECONÓMICO E OS
INVESTIMENTOS E ESTILOS
PARENTAIS: O PAPEL MEDIADOR DO
CONFLITO TRABALHO FAMÍLIA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Tatiana Filipa da Cunha Silva

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Luísa Antunes Ribeiro

Professora Doutora Filipa Sobral

Porto, Julho e 2019

Resumo:

O desenvolvimento de capital humano no seio familiar é um fator importante que pode contribuir para reduzir diferenças nas oportunidades académicas e, mais tarde, laborais, de crianças com diferentes níveis socioeconómicos.

O estudo aqui apresentado procura compreender a relação entre o nível socioeconómico (NSE) e o nível dos investimentos e estilos parentais.

Para tal, analisámos as diferenças de nível socioeconómico na forma como os pais de crianças em idade escolar fazem investimentos nos seus filhos, nomeadamente em termos de estímulo cognitivo no ambiente familiar e na utilização de diferentes estilos parentais na educação da criança. Ao mesmo tempo, foi analisado o conflito entre o trabalho e a vida familiar como variável mediadora da relação entre o nível socioeconómico e os investimentos e estilos parentais. A recolha de dados foi feita junto de 80 pais trabalhadores com crianças em idade (pré)- escolar (3-9 anos) através de questionários de auto-relato. Os resultados foram analisados através de estudos de correlação e mediação, tendo sido confirmadas todas as hipóteses colocadas. Com isto, podemos perceber que o nível socioeconómico associado a um conflito entre o trabalho e a família, tem um impacto negativo na forma como pais fazem investimentos nos seus filhos e nos seus estilos parentais.

Palavras-chave: Nível socioeconómico, investimentos parentais, estilos parentais, *stress* ocupacional, desenvolvimento de capital humano.

Abstract:

The development of human capital within the family is an important factor that can help reduce differences in academic and later work opportunities for children from different socioeconomic status backgrounds.

The research presented here seeks to understand the relation between socioeconomic status (SES) and parental investments and parenting styles. The aim was to understand whether there are differences in terms of socioeconomic status in the way parents invest in their school-age children, namely in terms of cognitive stimulation and in the use of different parenting styles. At the same time, I will analyse the conflict between work and family life as a mediating variable in the relation between socioeconomic status and parental investments and parenting styles.

Data collection was carried out with 80 working parents with pre-school aged children (3-9 years) through self-report questionnaires. The results were analysed through correlation and mediation models, and all hypotheses were confirmed.

Through this we can see that the socioeconomic status associated with the conflict between work and family, has a negative impact on the way parents make investments in their children and their parenting styles.

Keywords: socioeconomic status, parental investments, parenting styles, occupational stress, Human Capital development

Índice:

I.	Introdução.....	1
II.	Enquadramento teórico.....	2
	i. Nível socioeconómico e investimentos parentais.....	2
	ii. Nível socioeconómico e estilos parentais.....	6
	iii. Conflito entre o trabalho e a família.....	8
III.	Método.....	10
	i. Caraterização da amostra.....	10
	ii. Procedimento de recolha de dados.....	11
	iii. Instrumentos de recolha.....	12
	iv. Procedimento de tratamento de dados.....	14
IV.	Resultados.....	15
V.	Discussão.....	22
	i. Limitações e sugestões para investigações futuras.....	24
	ii. Implicações na prática.....	25
VI.	Referências bibliográficas.....	26
VII.	Anexos	31

Índice de tabelas:

Tabela 1- Correlações entre as variáveis NSE, estímulo parental, conflito, estilo democrático, estilo autoritário e estilo permissivo.

Índice de figuras:

Figura 1 - Modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estímulo parental (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Figura 2- Modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estilo democrático (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Figura 3- Modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estilo autoritário (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Figura 4- Modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estilo permissivo (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Anexos:

Anexo I- Output das correlações entre variáveis NSE, estímulo parental, conflito, estilo democrático, estilo autoritário e estilo permissivo.

Anexo II- Output do modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estímulo parental (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Anexo III: Output do modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estilo democrático (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Anexo IV: Output do modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estilo autoritário (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Anexo V: Output do modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estilo permissivo (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Anexo VI: Questionário demográfico, Questionários HOME, PSQD e WFCS.

I. Introdução:

O nível socioeconómico parece estar ligado à forma como pais interagem com os seus filhos, nomeadamente nos investimentos em recursos físicos e psicológicos que os pais fazem neles e também, na forma como os educam (Duncan & Brooks-Gunn, 1997). Isto parece estar ligado também ao conflito entre o trabalho e a família (Servino, 2010). Tudo isto parece ter repercursões na educação e formação das crianças e no desenvolvimento do seu capital humano (OCDE, 2007). É por isso pertinente compreender se isto realmente acontece, e se sim, o que leva isto a acontecer e o que deve ser feito para colmatar essas diferenças num país como Portugal, em que existe um fosso tão grande entre pessoas de níveis socioeconómicos distintos (DGEEC, 2016).

Os investigadores reconhecem hoje em dia a importância fundamental da formação das crianças em termos de capacidades cognitivas e socioemocionais. Estas são indicadas como preditoras de futuras disparidades na educação, nível económico, saúde, bem-estar e comportamento desviante (Heckman & Kautz 2012; Roberts et al. 2007) e podem ser determinantes na aquisição de vantagens de geração em geração (Ermisch, Jantti & Smeeding, 2012). Assim, os recursos que as crianças podem adquirir e de que podem desfrutar dependem muito dos recursos que possuem os seus pais e da forma como os transmitem (Behrman, 1997).

Segundo Fernald, Marchman, and Weisleder (2013) existem, por exemplo, claras diferenças relativamente ao nível socioeconómico dos pais, que se refletem na aprendizagem do vocabulário e da linguagem desde as primeiras fases do desenvolvimento de uma criança. Segundo Lee and Burkam (2002) crianças com pais de um nível socioeconómico mais alto obtêm melhores resultados em testes de capacidade cognitiva do que crianças com pais de um nível socioeconómico mais baixo, mesmo antes de entrarem no infantário.

É importante o estudo dos investimentos parentais, pois, o estímulo cognitivo que as crianças recebem no seio familiar, sobretudo em crianças mais novas (idade pré-escolar e primeiro ciclo), constitui um reforço e apoio ao sistema educativo e uma possível fonte de compensação em relação à falta de recursos financeiros e sociais (Lareau, 1987). Por outro lado, os estilos parentais em termos de exercício de disciplina e regulação do comportamento

vão criar as condições afetivas necessárias ao sucesso social e académico (Weber, Prado & Viezzer, 2004). Ambas as variáveis são relevantes quanto à sua relação com o nível socioeconómico, porque os investimentos podem ser limitados pelo mesmo (dificuldades financeiras) (Conger & Donnellan, 2007), enquanto os estilos parentais podem ser condicionados por um trabalho precário, longo, stressante e que deixa os pais com menos tempo e recursos emocionais, o que pode levar a estratégias desadequadas para lidar com a disciplina dos filhos em casa (Servino, 2010).

Mediante isto, o NSE, nas suas duas vertentes educacional e financeira, poderá influenciar os investimentos parentais e estilos parentais (os pais acabam por utilizar um estilo parental menos exigente e responsivo, com estratégias mais autoritárias ou permissivas). Por outro lado, além de uma relação direta (por exemplo, entre a falta de recursos financeiros e aquisição de materiais educativos), esta relação poderá ser mediada pelo conflito entre o trabalho e a vida familiar. De facto, como acima referido, as profissões associadas a um baixo NSE são geralmente mais condicionadas por fatores adversos, que podem afetar a vida familiar e, em particular, o papel parental (como por exemplo, uma pesada carga horária, falta de autonomia e flexibilidade); fatores estes que podem agravar a disponibilidade em termos de tempo e energia que os trabalhadores conseguem dedicar aos seus filhos.

II. Enquadramento teórico

i. Nível socioeconómico e investimentos parentais:

Os investimentos parentais são importantes a nível da aquisição e desenvolvimento de capital humano no seio familiar, principalmente nas crianças (OCDE, 2007).

O conceito de capital humano pode ser entendido como as habilidades e talentos inatos ao indivíduo e, as competências e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo através dos vários tipos de educação formal, não formal e informal, que resultam em crescimento económico, social e também pessoal (OCDE, 2007).

Segundo Schultz (1961), o capital humano resulta de um investimento dos indivíduos neles próprios, que começa desde logo nas primeiras fases do seu desenvolvimento. Por isto, é necessário compreender como é que a educação pode dar às crianças, de todos os meios

socioeconómicos, os recursos de que necessitam para utilizar melhor as suas capacidades e talentos desde o início do seu desenvolvimento (Schultz, 1961).

De geração em geração, o investimento dos pais nos seus filhos é então um investimento em capital humano, não só em termos do bem-estar financeiro da família, e acesso a recursos educativos para as crianças, mas também em termos de projeção social e acesso a oportunidades (Coleman, 1994).

Também segundo Schultz (1961), esse investimento que é feito posteriormente, reflete-se nas escolhas futuras das crianças, a nível académico e profissional, o que favorece um maior sucesso a nível educacional, sendo que, futuramente, trará frutos a nível de rendimentos para os indivíduos e melhorias a nível de crescimento económico também para as empresas nas quais se inserirem futuramente.

Assim, à medida que os trabalhadores progredem em termos de habilitações académicas, serão provavelmente capazes de exercer trabalhos mais complexos e diferenciados e obter uma remuneração mais elevada. Este investimento na educação, acarreta, portanto, benefícios a longo prazo, aquando da entrada no mercado de trabalho (Schultz, 1961).

Diversos estudos têm sido conduzidos para compreender a relação entre o nível socioeconómico de pais e os resultados educacionais dos seus filhos. É certo existirem diferenças entre níveis socioeconómicos mais altos e mais baixos, relativamente aos investimentos que os pais fazem nos seus filhos; Estes investimentos são mais visíveis nos níveis socioeconómicos mais altos e as diferenças evidenciam-se mesmo antes da entrada das crianças na escola e vão sendo perpetuadas durante todo o seu percurso escolar (Sirin, 2005).

Vários estudos, durante as últimas décadas evidenciam os efeitos da pobreza e dos rendimentos baixos como preditores de falta de saúde psicológica e comportamental (McCoy, 2018). Do mesmo modo, existem estudos que estabelecem diversas associações entre o rendimento familiar e o desenvolvimento intelectual e comportamental das crianças (Smith et al, 1997). É mais provável que crianças com menos recursos cognitivos, comportamentais e de saúde, alcancem um nível mais baixo de habilitações académicas e obtenham rendimentos menores (Berger, Paxson & Waldfogel, 2009).

Por outro lado, em certos casos, não é pelo facto de uma família possuir um nível socioeconómico mais elevado que significa, por si só, que a criança irá adquirir mais competências cognitivas e sociais, mas este poder económico poderá aumentar o acesso que as crianças terão a atividades e recursos que potenciem essas competências (Conger & Donnellan, 2007).

Para percebermos melhor a ligação entre nível socioeconómico e os investimentos parentais, devemos observar os componentes do primeiro, sendo estes o rendimento e a educação, e os componentes do segundo como recursos físicos e atividades estimulantes (Conger & Donnellan, 2007). Alguns estudos indicam que, tanto o rendimento como as habilitações académicas dos pais, influenciam recursos físicos e atividades estimulantes (investimentos psicológicos) (Conger & Donnellan, 2007). O rendimento também influencia as atividades escolhidas pelos pais, proporcionando o acesso a determinadas experiências estimulantes (i.e. ida ao teatro), enquanto as habilitações literárias podem influenciar a escolha de determinados materiais educativos (i.e. aquisição de livros) (Conger & Donnellan, 2007).

Um dos modelos mais utilizados para estudar a associação entre nível socioeconómico e o desenvolvimento de capital humano é o Modelo de investimentos Parentais (Becker & Tomes, 1994). Este modelo diz-nos que existe uma associação entre o nível socioeconómico e o desenvolvimento infantil, dado que os níveis socioeconómicos mais elevados propenciam maiores investimentos nos filhos devido à capacidade de proporcionar experiências e materiais educativos mais enriquecedores em quantidade e em qualidade, quando comparados com níveis socioeconómicos mais baixos (Vasilyeva, Waterfall & Huttenlocher, 2018).

Psicólogos do desenvolvimento e economistas parecem ter os mesmos interesses quanto ao estudo desta relação entre nível socioeconómico e desenvolvimento infantil (Foster, 2002). Ambos procuram estudar a relação entre a utilização de recursos nas crianças e a possibilidade de acesso dos pais aos mesmos, sejam estes físicos ou psicológicos (quer estejamos a falar do tempo dedicado às crianças, à educação ou ao seu bem-estar geral).

Numa perspetiva económica, enfatiza-se a relação entre os custos e os benefícios de um certo comportamento, sendo que os benefícios de investir nas crianças terá importância no futuro, tanto no seio de futuras famílias como para a economia em geral. Desta forma, as crianças são vistas como um custo e ao mesmo tempo como um benefício, no qual se podem depositar investimentos a longo prazo (Foster, 2002).

Um aspeto relevante a ter em conta é que existem vários tipos de investimentos importantes durante as primeiras fases do desenvolvimento de uma criança, dentro dos quais podemos incluir: i) recursos físicos, como livros, jogos interativos, etc. ii) atividades que os pais fazem com as crianças dentro de casa, como jogar jogos, ler livros, entre outros e iii) atividades fora de casa, como idas a museus, teatro e, finalmente, iv) proporcionar um ambiente responsivo para a criança, para que esta possa viver num clima emocionalmente

equilibrado (esta última – iv - está mais relacionada com resultados comportamentais, e as outras três com resultados académicos) (Yeung, Linver & Brooks-Gunn 2002).

Os investimentos no início do desenvolvimento de uma criança são cruciais e têm mais impacto nesta altura em específico pois há uma maior sensibilidade à estimulação cognitiva, que se irá refletir mais tarde na aprendizagem da criança (Duncan, Brooks-Gunn & Klebanov, 1994; Shonkoff & Phillips, 2000). Os pais têm um maior impacto na forma como as crianças aprendem nesta altura e na qualidade dessas aprendizagens, sendo esperado que, mais tarde, as crianças ganhem autonomia e consigam, por si próprias, escolher e adaptar as suas experiências (Scarr & McCartney, 1983).

Ainda numa perspetiva económica dos investimentos parentais, o investimento precoce irá prevalecer e ter retorno mais tarde na vida adulta (Cunha & Heckman, 2007).

Os investimentos feitos nas crianças como os recursos que lhes são proporcionados, têm uma influência que depende da educação que os pais pretendem dar aos filhos, da inovação tecnológica do momento a nível das atividades ou brinquedos interativos que podem achar necessários (i.e. *tablets*, jogos didáticos adequados à idade da criança) e as perceções do pais sobre as capacidades que podem ser moldadas nos filhos. São estas variáveis que fazem a conexão entre a possibilidade dos pais de fazerem investimentos adequados nos seus filhos e os benefícios desses mesmos investimentos no desenvolvimento daqueles, que podem também surgir com restrições quando existe um nível socioeconómico mais baixo (Del Bono, Ermisch & Francesconi, 2012).

Como já mencionado, os investimentos familiares são feitos pensando em custos e benefícios, mas são também proporcionados mediante as condições sociodemográficas da região da família a que nos possamos estar a referir e de possíveis limitações que possam surgir devido à falta de rendimentos nessa região (Lynch & Brooks, 2013).

Estas questões são especialmente relevantes para o nosso país, dado que existe um grande fosso entre pessoas de diferentes níveis socioeconómicos sendo que, as desigualdades e oportunidades sociais ainda são muito marcantes e existem maioritariamente pessoas de um nível socioeconómico mais baixo, com menos acesso à educação (DGEEC, 2016).

Tendo em conta tudo isto proponho a minha primeira hipótese:

Hipótese 1: É esperado que quanto mais baixo for o nível socioeconómico dos pais, maiores dificuldades irão surgir em proporcionar recursos materiais e psicológicos, o que se irá traduzir num menor investimento feito pelos pais nas crianças em idade (pré-) escolar.

ii. Nível socioeconómico e estilos parentais:

Existe um consenso em relação à importância dos comportamentos parentais em relação ao desenvolvimento cognitivo, social e comportamental das crianças (Akcinar & Shaw, 2017). Certos fatores existentes no meio socioprofissional são considerados fatores de risco psicossocial, físico, psicológico e, sobretudo em níveis socioeconómicos mais baixos, como por exemplo longas horas de trabalho, trabalho árduo ou precário, etc. o que pode afetar o modo como os pais interagem com os filhos e as estratégias que eles adotam (Servino, 2010). Segundo estudos, isto irá consequentemente ter um impacto negativo no ambiente familiar e na utilização de estilos parentais menos adequados (Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991).

Os estilos parentais podem ser vistos como um conjunto de padrões de comportamento dos pais para com os filhos, que os influenciam desde o início do seu desenvolvimento (a nível da interiorização de normas, da aquisição de competências e da sua adaptação social) sendo considerado um fator fundamental de comunicação e de conduta familiar (Lamborn et al., 1991).

Os estilos parentais são conceitos utilizados na investigação e foram propostos pela psicóloga Diana Baumrind nos anos 60, sendo estes divididos entre responsivos ou não responsivos e exigentes ou não exigentes: i) o estilo parental democrático, que é responsivo e exigente, isto é, os pais tentam direcionar a criança de forma racional e orientada para objetivos, com isto pretendem dar autonomia à criança, mas sempre com regras consolidadas ii) o estilo parental permissivo, que é responsivo mas não exigente, isto é, os pais tentam não punir a criança e cedem a todos os seus desejos, não direcionam o seu comportamento e acabam por ser apenas um recurso e não um modelo a seguir para a criança; iii) o estilo parental autoritário, que é não responsivo mas exigente, onde os pais tentam impor regras absolutas sem deixar espaço para a exploração da criança, vendo a obediência como premissa máxima e iv) o estilo parental negligente, que não é responsivo nem exigente e estes pais tentam apenas evitar inconveniências, acabando por não lidar com as crianças (Weber et al., 2004).

O modelo teórico de Baumrind (1966) sobre os estilos parentais tem sido uma referência nos estudos sobre práticas educativas, funcionando como forma de entender a influência dos estilos parentais na construção de aspectos emocionais e comportamentais nas crianças. Destes todos, o estilo parental democrático é o que está mais associado ao suporte necessário ao desenvolvimento das crianças, e o que parece traduzir-se em melhores resultados em termos de desenvolvimento infantil, como elevada autoestima, bom desempenho acadêmico, boa capacidade de interação social e bom controlo emocional. Este estilo parental está então relacionado às exigências controladas para um bom comportamento das crianças e, ao mesmo tempo, a uma grande responsividade e atenção às exigências e necessidades das mesmas (Baumrind, 1991). Estes pais tentam envolver as crianças e orientá-las nas suas atividades e incentivam o diálogo, explicando as regras e pedindo a opinião da criança quando ela parece discordar dos adultos, dando-lhe a liberdade de ela se expressar e evitando restringi-la e, ao mesmo tempo, tentam vincar a sua posição sem ceder a todos os desejos da criança, impondo regras (Baumrind, 1966). Baumrind demonstrou em diversos estudos a efetividade deste estilo em concreto, através da observação de crianças em idade pré-escolar, tentando fazer ligações entre os comportamentos dos pais e os comportamentos mais competentes dos seus filhos, existindo sempre diferenças a nível social de crianças com pais que utilizavam diferentes estilos parentais. As crianças que tinham pais que utilizavam o estilo democrático eram crianças mais assertivas, demonstravam maior maturidade, uma conduta mais independente, mais responsabilidade social e uma personalidade mais empreendedora (Weber, 2004). Também existem estudos que indicam que crianças com pais responsivos e que lhes providenciem suporte, são menos propensas a demonstrar comportamentos disruptivos e exibem maiores níveis de competências sociais com adultos e pares em idade escolar (Chang, Shaw, Shellby, Dishion & Wilson, 2017).

Outros estudos demonstram que crianças com pais mais responsivos e exigentes são mais motivados para responder positivamente aos seus pedidos, interiorizar regras e controlar melhor as suas emoções e comportamentos (Dix, 1991).

Desde cedo, as crianças começam a desenvolver ferramentas sociais e emocionais essenciais ao seu futuro, que se irão refletir no seu funcionamento académico e psicossocial (McCoy, 2018).

Crianças com pais menos responsivos terão tendência para apresentar mais dificuldades a interiorizar e exteriorizar comportamentos, maior falta de atenção, menor ajustamento social, o que por sua vez está associado a dificuldades de funcionamento na idade adulta, como por exemplo, baixo nível de escolaridade (Vitaro, Brendgen, Larose &

Trembaly, 2005), emprego precário (Alatupa et al., 2013) e uma saúde mental mais fragilizada (Mason et al., 2004), fatores estes que afetaram a vida pessoal e laboral.

Tendo em conta tudo isto proponho a minha segunda hipótese:

Hipótese 2: É esperado que em níveis socioeconómicos mais baixos, os pais tenham mais dificuldade em usar um estilo parental que combine níveis de responsividade e exigência adequados, esperando-se um nível mais elevado de estratégias autoritárias ou permissivas e um nível mais baixo de estratégias democráticas.

iii. Conflito entre o trabalho e a família:

O conflito trabalho-família pode ser definido como “forma de conflito inter-papel, na qual as pressões exercidas pelos papéis do domínio do trabalho e da família são mutuamente incompatíveis, de modo a que a participação num papel familiar torna mais difícil a participação no outro profissional” (Greenhaus & Beutell, 1985).

Ao longo do tempo, o trabalho e a família têm sido vistos como duas dimensões que se complementam e estão dependentes uma da outra, sendo elas duas áreas difíceis de conciliar na vida adulta e que requerem bastante investimento (Kanter, 1977). Esta dificuldade de conciliar estas duas dimensões acaba por ter implicações, tanto para a própria pessoa, como para as organizações (McNall, Nicklin, & Masuda, 2010). Existiram algumas mudanças na nossa sociedade atual que tiveram como consequência dificultar ainda mais esta conciliação ao longo do tempo, tal como um aumento do número de famílias monoparentais que se foi alargando (Allen, 2001). O desenvolvimento tecnológico também é um fator que traz cada vez mais exigências para as empresas, e consequentemente, para os seus funcionários, refletindo-se num aumento do tempo laboral e acabando por o sobrepôr à família (Poelmans, Odle-Dusseau & Beham, 2009).

Podemos dizer que as longas horas no trabalho são cada vez mais uma preocupação, devido ao seu possível impacto negativo na qualidade da vida familiar, sobretudo em famílias com filhos dependentes e em fases precoces do desenvolvimento (Carlson & Corcoran, 2001). Bell and Freeman (2001) salientam que em países com bastantes discrepâncias de salários,

como é o caso de Portugal, existe uma tendência para tentar compensar os baixos salários com longas horas de trabalho, em troca de possíveis avanços na carreira. Por outro lado, a redução do tempo de trabalho com o objetivo de libertar tempo para a família, está associada a possíveis penalizações, fazendo com que o conflito entre carreira e família seja cada vez mais uma realidade.

Existem diferenças claras entre pessoas que estão em cargos mais altos (geralmente associados a indivíduos de um nível socioeconómico mais alto) e pessoas que estão em cargos mais baixos (geralmente associados a indivíduos de um nível socioeconómico mais baixo), sendo que as últimas experienciam mais vezes níveis de conflito entre a carreira e a família devido ao excesso de horas de trabalho e recebem salários mais baixos, ao contrário dos primeiros, que trabalham muitas horas mas ainda assim, conseguem receber salários mais altos (Callister, 2003).

Alguns estudos explicam que os indivíduos com melhores salários, normalmente estão em ocupações de maior responsabilidade e *status*, mas esta condição também permite ao indivíduo ter controlo sobre quando, onde e durante quanto tempo trabalha e, com isto conseguem manter um equilíbrio saudável entre a vida familiar e a vida laboral, apesar de trabalharem muitas horas (Callister, 2003).

Segundo Heymann and Earle (2001), os indivíduos com salários mais baixos possuem mais probabilidade de trabalhar fora das horas laborais, sendo que, estes autores também dizem que existem efeitos negativos para as crianças quando os pais trabalham fora de horas, principalmente à noite.

Segundo Gutek, Searle and Klepa (1991), o facto de os pais trabalharem muitas horas afeta a vida do trabalho e a vida fora do trabalho (i.e. se um dos pais dedicar mais tempo ao trabalho, irá dedicar menos tempo ao seu papel de pai/mãe, o que terá impacto na forma como lidam com as crianças). Este conflito faz com que os pais tenham uma performance precária tanto no trabalho como em casa, o que pode implicar falta de tempo e também riscos para a saúde e falta de satisfação na vida (Greenhaus & Kopelman, 1981).

Tendo em conta tudo isto proponho a minha segunda hipótese:

Hipótese 3: É esperado que o conflito entre o trabalho e a família tenha um papel mediador da relação entre o nível socioeconómico e os investimentos parentais dos pais de crianças em idade (pré-) escolar.

Hipótese 4: É esperado que o conflito entre o trabalho e a família tenha um papel mediador da relação entre o nível socioeconómico e os estilos parentais dos pais de crianças em idade (pré-) escolar.

III. Método:

i. Caracterização da amostra:

A amostra foi escolhida através da técnica de amostragem não probabilística: amostra por conveniência. Esta técnica é muito comum e consiste em seleccionar uma amostra da população que esteja acessível, ou seja, os indivíduos são seleccionados porque estão prontamente disponíveis.

Dos 91 questionários recolhidos, foram excluídos 11 por terem sido deixados praticamente em branco.

Relativamente às percentagens obtidas através dos questionários válidos, nomeadamente a variável sexo, a percentagem de mulheres foi de 55,0 % (n=44) e de homens de 45,0 % (n=36), havendo portanto uma prevalência de participantes do sexo feminino.

Relativamente às percentagens da variável idade dos participantes, maioritariamente os indivíduos tinham entre os 30 e os 39 anos, obtendo uma percentagem de 34,1 % (n=31), seguindo-se a faixa etária de indivíduos com mais de 40 anos, com uma percentagem de 30,8 % (n=28).

Em relação à variável estado civil dos indivíduos, maioritariamente a amostra continha indivíduos casados/as ou em união de facto que obtiveram uma percentagem de 47,5% (n=38), seguindo-se os solteiros, obtendo uma percentagem de 40,0 % (n=32).

Na variável escolaridade, a amostra continha maioritariamente indivíduos com o ensino secundário, sendo que a percentagem foi de 40,0 % (n=32) mas, ainda assim, também existiu uma percentagem relevante de indivíduos com o ensino superior, nomeadamente, com mestrado e doutoramento, dado que cada uma obteve 17, 5% (n=14).

A grande maioria dos indivíduos - 59,3% (n=48) - recebia salários entre 500 e 1000€. Em contrapartida, os indivíduos com salários de mais de 2500€ tiveram a percentagem de apenas 2,5% (n=2).

Relativamente ao tipo de contrato, a amostra continha maioritariamente indivíduos com contrato a termo indeterminado 38,0% (n=30) e com contrato a termo resolutivo certo com 32,9% (n=26),

Quanto ao número de horas de trabalho, na sua maioria os participantes tinham uma carga horária de trabalho semanal que correspondia a tempo completo (entre 35 e 40 horas semanais), obtendo uma percentagem de 93,7% (n=74), sendo que a maior parte dos participantes que trabalhavam a tempo completo, dizia trabalhar efetivamente mais do que as 40 horas semanais, sendo a percentagem de 81,6% (n=77).

Relativamente ao número de filhos, a maior parte dos participantes tinham apenas um filho, sendo a percentagem de 67,0% (n=61).

Relativamente às idades dos filhos, entre os 3 e os 5 anos a percentagem foi de 36,3% (n=29) e entre os 6 e os 9 anos foi de 82,5% (n=66). Para os participantes que tinham mais que um filho entre os 3 e os 9 anos, foi considerado o filho mais novo neste estudo.

ii. Procedimento de recolha de dados:

Numa primeira fase, foi construído um questionário demográfico com questões sobre o nível socioeconómico do participante e foi feita a escolha dos instrumentos mais adequados para testar as hipóteses do estudo.

Utilizou-se a plataforma *Qualtrics* de forma a que os questionários pudessem ser disponibilizados online. Estes foram disponibilizados desta forma visto ser uma das formas de recolha de dados nas ciências sociais e a que se aplica melhor neste estudo em específico, visto ser a forma mais fácil de chegar a um maior número de pessoas.

Mais tarde, após obtenção de um número de participantes que dado o tamanho do efeito a medir, nos permitisse detetar associações entre as variáveis, foi utilizada de novo a plataforma *Qualtrics* pois esta plataforma permitia importar as respostas diretamente para o *IBM SPSS* onde poderiam ser analisados os dados obtidos.

O primeiro questionário (questionário demográfico) serviu para perceber em que nível socioeconómico se encontrava o participante. Os outros questionários, por sua vez, pretendiam avaliar os investimentos parentais, através do questionário *HOME*, com duas versões, uma para pais com crianças entre os 3 e os 5 anos e, outra para pais com crianças entre os 6 e os 9 anos. De seguida, foi colocado o questionário *PSDQ*, para avaliar os estilos parentais e, um terceiro questionário o *WFCS*, para testar o conflito entre o trabalho e a família dos participantes.

Durante todo o processo, foi sempre assegurada a devida confidencialidade dos participantes, existindo um consentimento informado dos mesmos.

Este *link* foi então divulgado em dois centros de estudo, pois duas pessoas que trabalhavam em cada um destes centros, me permitiram passar o link aos pais das crianças

que lá estavam inscritas. Estes situavam-se em duas zonas geográficas distintas, um no Porto e o outro em Lisboa. Relativamente aos requisitos apresentados, antes de passar o *link*, era dito aos participantes que tinham de ser pais trabalhadores com filhos entre os 3 e os 9 anos.

iii. Instrumentos de recolha:

Questionário demográfico:

Foi pedido aos participantes que indicassem o seu sexo, estado civil, a idade, a idade do seu filho/a mais novo/a e dos seus outros filhos/as, assim como o nível de escolaridade do participante e do filho/a mais novo/a. Também foi pedida a indicação da situação profissional do participante, o rendimento familiar, setor da sua empresa, função que desempenha, tipologia de contrato, carga horária de trabalho semanal e horas que efetivamente trabalha por semana.

Investimentos parentais:

Para avaliar os investimentos parentais (qualidade do ambiente familiar das crianças), foi utilizada uma versão portuguesa da escala “Home Observation for Measurement of the Environment – (HOME) (Caldwell & Bradley, 1984), ou seja, uma escala de avaliação do ambiente familiar. A versão que foi utilizada é a mais reduzida e refere-se à estimulação cognitiva. Este instrumento tem varias versões, mas só foram utilizadas as que abrangem as idades dos 3 aos 5 anos e a dos 6 aos 9 (divididas em duas secções diferentes), sendo que os pais tinham que optar entre as duas e responder apenas em relação ao seu filho mais novo.

Esta escala é composta por 10 itens dicotómicos, organizados em subescalas, que medem as atividades familiares (e.g., Quantas vezes por semana lê histórias ao seu/sua filho(a)?), recursos domésticos (e.g., A criança tem acesso a leitor de CDs em casa e pelo menos 5 ou mais CDs?) e atividades fora de casa (e.g., Com que frequência a criança foi levada a um museu, teatro ou concerto no último ano?)

No estudo conduzido por Pinto, Pessanha & Aguiar (2012), na população portuguesa, esta escala demonstrou ter uma boa consistência interna e boas características psicométricas.

Estilos Parentais:

Para avaliar os estilos parentais, foi utilizada a versão mais reduzida da escala “Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – PSDQ” (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001). Esta versão tem 32 itens que indicam a frequência com que o pai/mãe efetuam os comportamentos apresentados e utilizando, para o efeito, uma escala likert de 5 pontos (1 = Nunca; 5 = Sempre).

O questionário abrange os 3 estilos parentais, nomeadamente o estilo democrático, que inclui subescalas de apoio e afeto (5 itens; e.g., “elogio o(a) meu/minha filho(a) quando se comporta ou faz algo bem”), regulação (5 itens; e.g., “saliento as razões das regras que estabeleço”) e cedência de autonomia/ participação democrática (5 itens; e.g., “incentivo o(a) meu/minha filho(a) a expressar-se livremente, mesmo quando não está de acordo comigo”).

Outra dimensão contém o padrão autoritário, que inclui dimensões de coerção física (4 itens; e.g., “dou uma palmada no(a) meu/minha filho(a) quando se porta mal”), hostilidade verbal (4 itens; e.g., “grito ou falo alto quando o(a) meu/minha filho(a) se porta mal”) e punição (4 itens; e.g., “castigo o(a) meu/minha filho(a) retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma explicação”). Já o estilo permissivo é constituído por uma única dimensão: indulgência (5 itens; e.g., “são mais as vezes em que ameaço castigar o(a) meu/minha filho(a) do que aquelas em que realmente o(a) castigo”).

Esta escala permite avaliar os três estilos parentais da tipologia de Baumrind (1971) - o autoritário, o democrático e o permissivo, bem como as práticas parentais que os constituem, sendo que tem vantagens como o facto de avaliar as consequências que as práticas dos pais podem ter nos seus filhos durante o seu desenvolvimento precoce. Pode também permitir o cruzamento de resultados, visto poder ser aplicado em pais e mães da mesma criança, podendo evitar o efeito de desejabilidade social que muitas vezes se sucede e, que faz com que os pais relatem praticas mais positivas do que são na realidade (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 1995, 2001; Winsler, Madigan & Aquilino, 2005).

A versão portuguesa do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – versão reduzida manteve a mesma estrutura da versão reduzida do *PSDQ* original (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001).

Numa revisão de instrumentos de avaliação das práticas parentais (Locke & Prinz, 2002), este foi considerado uma das poucas medidas na área com boas características psicométricas, nomeadamente, bons níveis de consistência interna (Pedro & Ribeiro, 2015).

Conflito Trabalho e Família:

Para avaliar o Conflito Trabalho-Família, foi utilizada a versão mais reduzida da escala “Work Family Conflict Scale”, *WFCS* de (Carlson, Kacmar, & Williams, 2000).

Em português, escala do Conflito Trabalho-Família, previamente utilizada por Carvalho & Chambel (2016). Esta versão tem 15 itens que indicam a frequência com que o trabalho interfere na vida familiar, e para o efeito, utiliza-se uma escala Likert de 5 pontos (1 = Quase Nunca; 5 = Quase Sempre), (e.g., “Sinto que não tenho tempo suficiente para as minhas tarefas em casa, devido ao tempo que tenho de despende no trabalho.”, “Sinto-me “culpado” por gastar tanto tempo no emprego e não ter tempo suficiente para a família.”, “A tensão e a ansiedade provocadas pelo meu emprego interferem com a minha vida familiar.”).

Este instrumento foi desenvolvido tendo como base a definição e as três fontes de conflito concebidas por Greenhaus and Beutell (1985), bem como a teoria de conflito de papéis (Carlson, Kacmar, & Williams, 2000; Vieira, Lopez & Matos, 2014), sendo atualmente considerada uma das medidas mais sólidas para analisar o conflito na conciliação do trabalho e da família, tanto teoricamente como psicometricamente (Matthews, Kath, & Barnes-Farnell, 2010; Vieira et al., 2014).

O questionário demonstra uma boa consistência interna, validade discriminatória e um bom valor preditivo (Carlson, et al., 2000; Vieira et al., 2014).

Ao ser utilizada por Carvalho & Chambel (2016), para a população portuguesa, nomeadamente, com pais trabalhadores de um banco em Portugal, esta escala demonstrou uma boa consistência interna.

iv. Procedimento de Tratamento de dados:

Numa primeira fase, foi realizada a análise descritiva dos dados (frequências) através do *software* de estatística SPSS *Statistics 25*.

Numa segunda fase, foram feitas análises da consistência interna das escalas.

Por último, para a análise das correlações e mediações também foi utilizado o *Process v3.2.03*, (uma função que utiliza técnicas de *bootstrapping para estimar o efeito mediador*, com vantagens nomeadamente a nível do tamanho da amostra requerido e da possibilidade da violação da normalidade nas distribuições) (Hayes, 2013).

IV. Resultados:

Num primeiro momento, averiguou-se a normalidade da distribuição das variáveis do estudo. Contrariamente às restantes variáveis, a variável salário apresentou uma distribuição marcadamente enviesada, já que grande parte dos participantes usufruíam de um salário entre os 500 e os 1000 €. Deste modo, e em vez de se optar por usar apenas a variável salário como forma de avaliar o NSE, optou-se por combinar os dois indicadores de NSE – salário e nível de escolaridade – num mesmo índice. Para tal, as variáveis salário e escolaridade foram transformadas em scores z e adicionadas de forma a criar uma nova variável designada “NSE”. A consistência interna da mesma, obteve valores satisfatórios (0, 75).

Relativamente à variável conflito (escala conflito trabalho-família), foi necessário fazer a inversão do item 5 da escala. De seguida, foi feita análise da consistência interna da escala, que obteve um valor satisfatório (0, 98).

De seguida, foram adicionados os 10 itens do HOME (Questionário que avalia os investimentos parentais), para as duas versões da escala (a que avalia a faixa etária dos 3 aos 5 anos e a destinada a crianças dos 6 aos 9 anos). Ao ser feita a soma dos itens da escala da faixa etária dos 3 aos 5 anos verificou-se que dois dos itens não apresentavam variabilidade (itens 5 e 6), ou seja, a resposta foi unânime por parte de todos os indivíduos. Estes itens foram eliminados e procedeu-se ao cálculo do alfa, cujo valor foi de (0, 69), pelo que se considera ter uma consistência interna aceitável. Por sua vez, a versão dos 6 aos 9 anos, obteve um coeficiente satisfatório (0, 86) e todos os itens foram mantidos.

Em relação aos itens de resposta da escala PSDQ (escala que media os estilos parentais), foi feita a média dos itens do estilo democrático, autoritário e permissivo, individualmente. A consistência interna destas subescalas, foi excelente para o estilo democrático e autoritário (0, 98 e 0, 96, respetivamente e satisfatória para o estilo permissivo, (0, 60).

Mais tarde, para poder testar a primeira e a segunda hipóteses (H1 e H2), foram feitas correlações entre as variáveis NSE, estímulo parental (HOME), subescalas democrático, autoritário e permissivo (estilo parental) e o conflito (conflito trabalho-família). Foram ainda testadas as correlações destas variáveis com duas variáveis demográficas relevantes, sexo e estado civil. Tornou-se pertinente testar estas correlações, para se poder perceber se existem

diferenças entre os dois géneros (visto que estas diferenças são referidas em alguns estudos) quanto ao nível socioeconómico, relativamente aos investimentos e estilos parentais que utilizam e na forma como gerem o conflito trabalho família. O mesmo acontece com a variável estado civil. É pertinente compreender se existem diferenças nestas mesmas variáveis, quando a pessoa é solteira, casada ou divorciada (visto que também são referenciadas diferenças quanto a esta variável em alguns estudos). No entanto, não se verificou nenhuma correlação significativa entre estas variáveis demográficas e as variáveis em estudo, à exceção do NSE que estava positivamente associado ao género com os homens tendo um maior NSE. Assim sendo, e devido ao reduzido tamanho da amostra, optou-se por não apresentar os modelos ajustados controlando estas variáveis (apesar de não terem tido efeito significativo em análises preliminares, é possível que reflitam efeitos de magnitude elevada, não suscetíveis de serem detectados com o pequeno N da amostra).

Tabela 1- Correlações das variáveis NSE, estímulo parental, conflito, estilo democrático, estilo autoritário e estilo permissivo.

	1	2	3	4	5	6
1. Estímulo Parental						
2. NSE	,64**					
3. Conflito	-,56**	-,54**				
4. democrático	,68**	,49**	-,77**			
5. autoritário	-,559**	-,46**	,68**	-,75**		
6. permissivo	-,313**	-,31**	,40**	-,48**	,42**	

*p<0,05 **p<0,01

Analisando a correlação entre o NSE e estímulo parental (primeira hipótese colocada-H1), esta trata-se de uma correlação positiva. Assim sendo, podemos afirmar que quanto mais elevado for o NSE, maiores níveis de estímulo parental foram reportados e vice-versa. Isto confirma H1.

Ao analisar a correlação entre o NSE e o estilo parental democrático, esta trata-se de uma correlação positiva, assim sendo podemos afirmar que quanto mais elevado o *NSE*, também mais elevado é o score associado ao estilo democrático.

As correlações entre o *NSE* e o estilo parental autoritário e permissivo tratam-se de correlações negativas. Isto permite-nos afirmar que, quanto mais alto for o NSE, menos elevados os níveis de estilo autoritário e permissivo. Também podemos ver que o estilo democrático se correlaciona negativamente com o autoritário e permissivo, pois as correlações demonstram que quanto mais elevados os níveis de estilo democrático, mais baixos são os níveis de estilo parental negativo (autoritário ou permissivo). Isto confirma H2.

Já em relação às outras variáveis que não estão incluídas nas hipóteses. Primeiramente, entre o estilo democrático e o estímulo parental existe uma correlação positiva. Isto permite-nos afirmar que, quanto mais elevados os níveis de estilo democrático, maior será o estímulo parental.

Em relação às variáveis estilo autoritário e permissivo e a variável estímulo parental, existe uma correlação significativa sendo esta negativa. Podemos afirmar que quanto mais elevados os níveis de estilo autoritário e estilo permissivo, mais baixos os níveis de estímulo parental.

Finalmente, com o objetivo de testar a terceira e quarta hipóteses (H3 e H4), foram conduzidas análises de mediação da relação a) entre o NSE e o estímulo parental (HOME) e b) entre o NSE e o estilo democrático, autoritário e permissivo (estilo parental), tendo como variável mediadora o conflito.

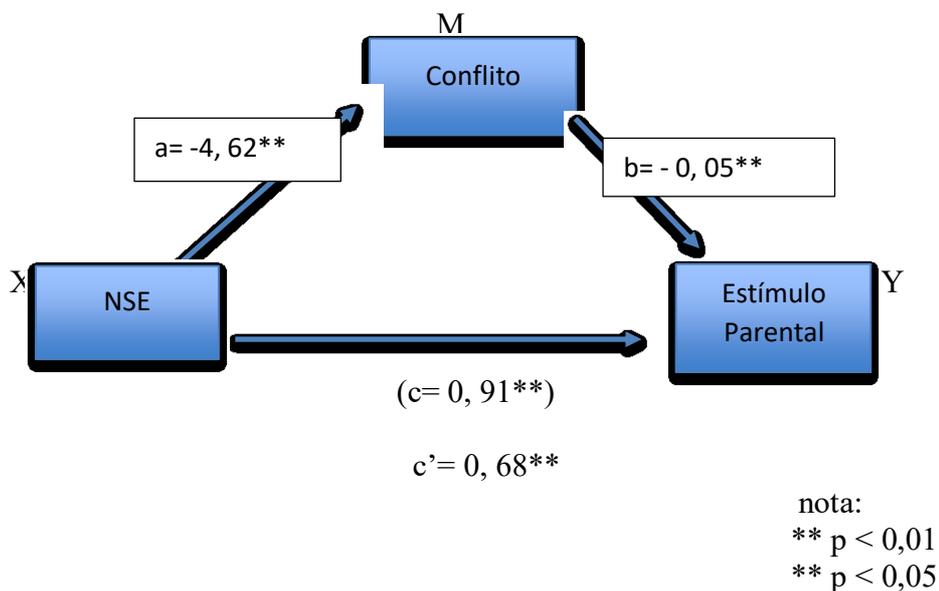


Figura 1 – Modelo de mediação simples do efeito do NSE (X- variável independente) no estímulo Parental (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Na figura 1, podemos ver que existe um efeito preditivo entre o NSE e o estímulo parental; este efeito é positivo o que indica que, quanto maior for o NSE, maior será também o estímulo parental.

Também podemos ver que existe um efeito indireto do NSE no estímulo parental através da variável conflito, visto que existiu uma redução do valor passando de $c = 0,91$ para $c' = 0,68$ ($p < 0,01$). Esta redução é significativa visto o intervalo de confiança do efeito indireto, $a \times b = -0,23$ ($SE = 0,084$) 95% $[0,074 - 0,406]$, não conter o valor zero. Dizemos então que houve uma mediação parcial.

Assim sendo, confirmamos H3, o conflito trabalho-família medeia a relação entre o NSE e o estímulo parental.

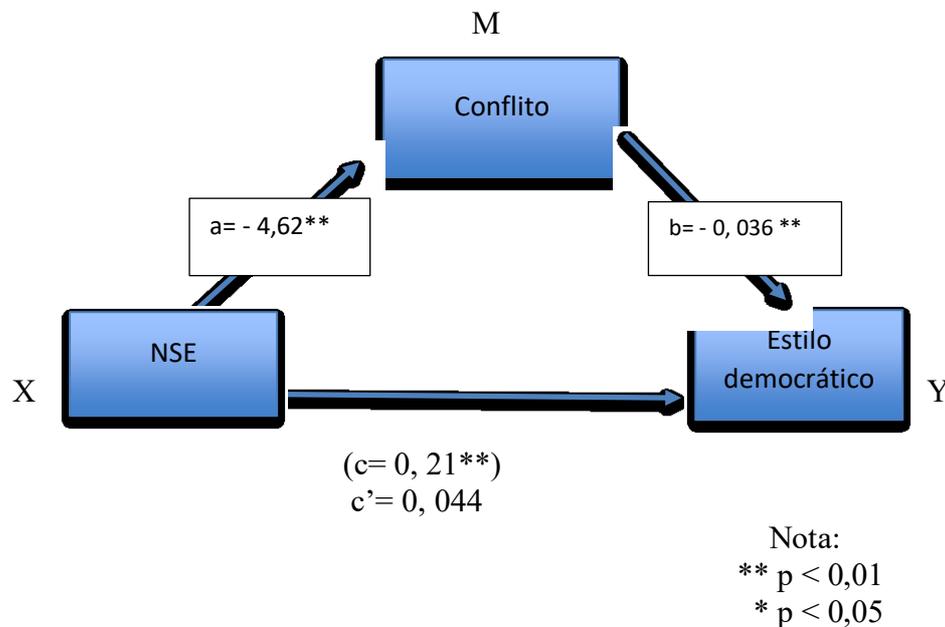


Figura 2 – Modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estilo democrático (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Na figura 2, podemos ver que existe um efeito preditivo entre o NSE e o estilo democrático. Este efeito é positivo o que indica que, quanto maior for o NSE, maiores serão os níveis de estilo democrático reportados.

Também podemos ver que existe um efeito indireto do NSE no estilo democrático através da variável conflito, visto que existiu uma redução do valor passando de $c = 0,21$ para $c' = 0,044$, ($p > .05$) Esta redução não foi significativa visto o intervalo de confiança do efeito indireto, $a \times b = 0,168$ ($SE = 0,313$) 95% [0,111- 0,235], conter o valor 0. Dizemos aqui que existiu uma mediação total, dado que o efeito direto deixou de ser significativo.

Assim sendo, confirmamos parte de H4, o conflito trabalho-família medeia a relação entre o NSE e o estilo democrático.

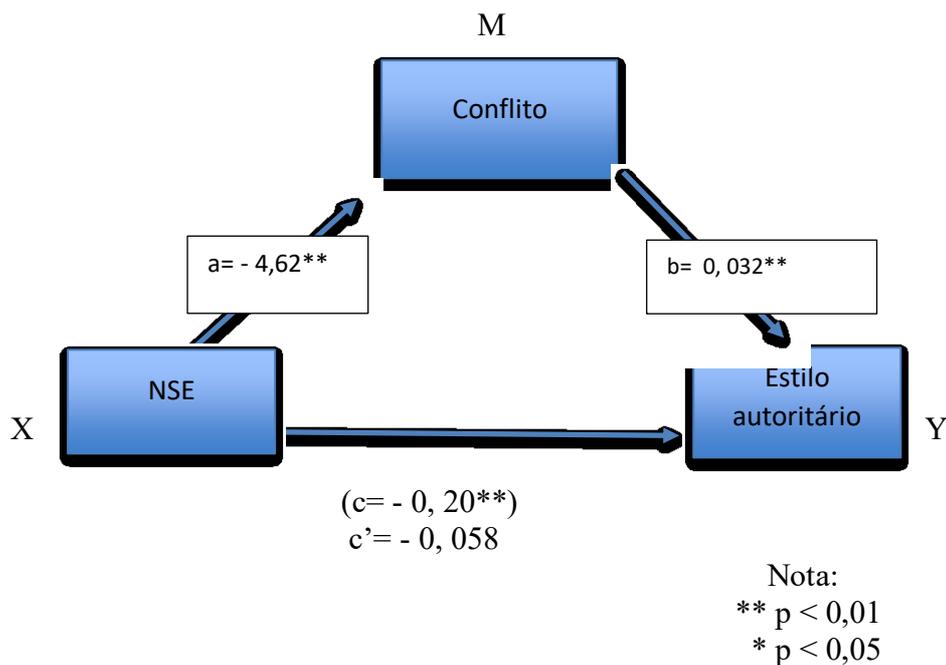


Figura 3 – Modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), Estilo autoritário (Y- variável dependente) e tendo como variável mediadora o conflito (M).

Na figura 3, podemos ver que existe um efeito preditivo entre o NSE e o estilo autoritário. Este efeito é negativo o que indica que, quanto mais elevado for o NSE mais baixos os níveis de estilo autoritário.

Também podemos ver que existe um efeito indireto do NSE no estilo autoritário através da variável conflito, visto que existiu uma redução do valor passando de $c = -0,2043$ para $c' = -0,0584$, ($p > .05$). Esta redução não foi significativa visto o intervalo de confiança do efeito indireto, $a \times b = -0,146$ ($SE = 0,033$) 95 % [- 0,217- - 0,087], conter o valor 0. Aqui podemos afirmar existir uma mediação total.

Assim sendo, confirmamos outra parte de H4, o conflito trabalho-família medeia a relação entre o NSE e o estilo autoritário.

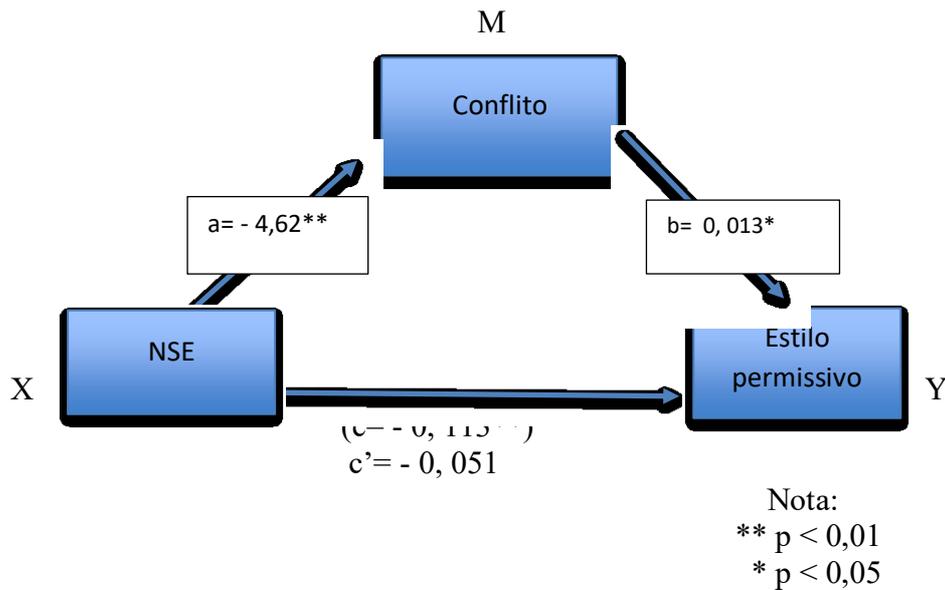


Figura 4 – Modelo de mediação simples do NSE (X- variável independente), estilo permissivo (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o conflito (M).

Na figura 4, podemos ver que existe um efeito preditivo entre o NSE e o estilo permissivo, este efeito é positivo o que indica que, quanto mais elevado for o NSE mais baixos os níveis de estilo permissivo reportados.

Também podemos ver que existe um efeito indireto do NSE no estilo permissivo através da variável conflito, visto que existiu uma redução do valor passando de $c = -0,1128$ para $c' = -0,051$, ($p > .05$). Esta redução não foi significativa visto o intervalo de confiança do efeito indireto, $a \times b = -0,620$ ($SE = 0,032$) 95% $[-0,128 - -0,0009]$, conter o valor 0. Dizemos então que houve uma mediação total.

Assim sendo, confirmamos a última parte de H4, o conflito trabalho-família medeia a relação entre o NSE e o estilo permissivo.

V. Discussão:

O objetivo deste estudo foi o de compreender se existiam associações entre o nível socioeconómico e os investimentos e estilos parentais, ou seja, perceber se o nível socioeconómico, nomeadamente, a escolaridade e o rendimento, têm impacto nos investimentos e estilos parentais utilizados pelos pais de crianças entre os 3 e os 9 anos. Para isto foi necessário perceber se existem diferenças entre indivíduos de níveis socioeconómicos distintos na forma como educam os seus filhos, a nível dos recursos físicos e psicológicos que investem e a nível das estratégias que utilizam para lidar com eles. Também era um dos objetivos perceber se o conflito entre o trabalho e a família, acaba por ser o mediador desta relação entre as variáveis mencionadas anteriormente.

Primeiramente, podemos perceber através dos resultados obtidos neste estudo, que se confirma a primeira hipótese colocada e de facto o nível socioeconómico tem influência nos investimentos parentais. Com isto ficou concluído que quanto menor o nível socioeconómico, menor será também o investimento dos pais em recursos materiais e psicológicos nos seus filhos.

Isto vai de encontro aos resultados de estudos anteriores, que demonstravam existir esta mesma associação entre as duas variáveis apresentadas, sendo que o rendimento e a escolaridade, (características que abrangem o nível socioeconómico) em alguns estudos parecem ter um impacto sobre a qualidade do ambiente familiar, ou seja, refletem-se na parte cognitiva, social e comportamental das crianças mesmo antes da idade pré-escolar (Berger, Paxson, & Waldfogel, 2009). A par disto, também podemos compreender que crianças com mais recursos físicos e psicológicos demonstravam maiores capacidades cognitivas e sociais. Podemos perceber então que um nível socioeconómico mais baixo limita inúmeras possibilidades quanto aos investimentos e pode tornar mais difícil o percurso de vida das crianças, a nível social, profissional e mesmo a nível pessoal, sendo muitas vezes preditor do sucesso ou fracasso das mesmas, sendo que estas poderão perpetuar ao longo de gerações, tendo filhos mais tarde possivelmente a debater-se com as mesmas dificuldades (Berger, Paxson & Waldfogel, 2009).

Verificou-se também através dos resultados obtidos neste estudo, que uma grande maioria dos participantes recebe um salário baixo (entre os 500 euros e os 1000 euros. Isto segundo os dados poderá indicar, apesar da amostra ser considerada pequena, que existem bastantes indivíduos no nosso país que poderão não dispor dos recursos necessários para fazer

bons investimentos nas suas crianças e no desenvolvimento do seu capital humano, sendo este valioso, parecendo estar dependente da quantidade e qualidade dos investimentos parentais.

Também pudemos comprovar, através da análise dos dados, que existe uma influência do nível socioeconómico nos estilos parentais, ou seja, que quanto menor este for, mais utilizados serão estilos parentais desadequados, ou seja, os pais acabam por ser menos responsivos e exigentes, esperando-se também que utilizem um estilo parental mais autoritário ou mais permissivo, existindo a possibilidade de criarem crianças menos preparadas para se adaptar e enfrentar vários desafios no decorrer do seu desenvolvimento.

Com tudo isto, podemos perceber à luz da literatura que a utilização de estilos parentais menos adequados (menos responsivos e exigentes), poderá refletir-se no futuro académico e no futuro trabalho das crianças. Isto deveria implicar uma reflexão e modificação das escolhas comportamentais de pais para com os seus filhos (Weber, 2018). A par disto, sabendo que em diversos estudos o estilo democrático é sempre visto como preditor de resultados mais positivos, mais especificamente, como bom desempenho nos estudos, maior uso de estratégias adaptativas, ou seja, as crianças são vistas como instrumentalmente mais competentes. Isto poderá querer dizer na vida académica, no trabalho e na vida social ou pessoal da criança, a utilização de estilos mais permissivos ou autoritários poderá ter repercursões (Weber, 2018). Procura-se então cada vez mais perceber a maneira mais adequada de se educar e relacionar com os filhos e que conjunto de comportamentos pode criar um clima emocional mais adequado. Como já vimos isto reflete-se através da utilização do estilo democrático, sendo que para adotar este estilo é necessário o envolvimento dos pais na educação das crianças, respondendo a necessidades de atenção, auxílio, diálogo e responsividade, bem como manter uma supervisão sob os comportamentos das crianças, impondo regras e limites (exigência), sendo as ferramentas necessárias para modificar a tendência aqui demonstrada da utilização de estilo menos adequados. (Weber, 2018)

Para além disto, também se confirmou a existência de uma mediação entre o nível socioeconómico e os investimentos e estilos parentais, através do conflito entre o trabalho e a família. Sendo que são os indivíduos com nível socioeconómico mais baixo que normalmente têm mais dificuldades em lidar com este conflito (Callister, 2003). Isto demonstra que o conflito trabalho-família, pode levar a um desgaste que se reflete na falta de tempo para a família que não permite ao indivíduo usufruir de recursos emocionais e cognitivos para lidar e contrabalançar ambos, ou seja, para passar tempo de qualidade com a família e realmente empenhar-se no trabalho ao mesmo tempo; com tudo isto, muitas vezes acabam ao tentar

conciliar ambas, por não ter uma boa performance em nenhuma das duas o que causará insatisfação e por sua vez, poderá refletir-se na educação das crianças (Guttek et al., 1991).

Segundo a literatura, podemos ver que por causa do trabalho, os indivíduos deixam de ter tempo para as tarefas em casa e para o seu cônjuge e os seus filhos, por sua vez, também acabam por não fazer grandes investimentos nem ter as melhores práticas a nível do estilo parental utilizado com as crianças, por falta de tempo ou mesmo de capacidade para lidar com o stress e as complicações da sua vida laboral (Guttek et al., 1991).

i. Limitações e sugestões para investigação futura:

Este estudo teve algumas limitações relativamente à sua amostra, que é constituída por pais trabalhadores com crianças entre os 3 e os 9 anos, isto porque existe alguma homogeneidade quanto aos salários auferidos pelos mesmos, estes estavam na sua grande maioria entre os 500 e os 1000 euros, também em relação às horas que os participantes trabalhavam, visto que na maioria haviam participantes que trabalhavam a tempo completo entre as 35 e 40 horas e que chegavam a trabalhar bem mais do que isso, não existindo praticamente participantes que trabalhassem menos de 40 horas.

Outra limitação prende-se por não ter existido um cruzamento de resultados neste estudo, não tendo sido aplicado o questionário PSQD (estilos parentais) ao pai e à mãe da mesma criança como acontece em alguns estudos anteriores, reduzindo a desejabilidade social ao responder às questões.. A par disto, também poderia ter sido feita a distinção entre pais e mães para as variáveis investimentos parentais e para o conflito trabalho-família, pois seria interessante perceber se também aqui surgiriam diferenças, sendo que cada vez mais nos dias de hoje os papéis foram-se modificando e os pais estão cada vez mais envolvidos na vida das crianças, o que não acontecia antigamente.

Relativamente a investigações futuras, deveria existir uma maior variedade de níveis socioeconómicos e de horários de trabalho entre os participantes como já referi, também deveria ser feito um estudo com uma amostra maior, para também aumentar a representatividade da população em estudo. Para além disto, deviam ser testadas todas as limitações também mencionadas anteriormente.

ii. Implicações práticas:

O conjunto de resultados obtidos salienta a pertinência do estudo da influência do nível socioeconómico e do conflito entre o trabalho e a família nos investimentos e estilos parentais. Neste estudo podem-se salientar as implicações para intervenções quer com pais, quer com crianças, sendo que o equilíbrio entre o trabalho e a família, particularmente o equilíbrio que proporcione bons investimentos e estilos parentais, é crucial para o desenvolvimento das crianças e do seu capital humano.

Por fim, todas as conclusões daqui retiradas poderiam ter implicações interessantes para os políticos do nosso país, devido às marcadas diferenças entre pessoas com mais ou menos rendimento e escolaridade. Isto acaba por ter um imenso impacto também na nossa economia, sendo que vivemos num país com poucos profissionais qualificados e muita procura destes profissionais para profissões que dependem de determinadas qualificações, ou seja, ao serem melhorados os recursos que são investidos nas crianças e no seu desenvolvimento, também irá crescer o número de profissionais qualificados em diversas áreas cruciais para a nossa economia e bem-estar (físico e mental). Por fim, tudo isto também deveria ter implicações nos profissionais da área da educação, com vista a melhorar a qualidade de ensino e da educação dentro e fora de casa.

Referências Bibliográficas

- Abreu-Lima, I. M. P., Leal, T. B., Cadima, J., & Gamelas, A. M. (2012). Predicting child outcomes from preschool quality in Portugal. *European Journal of Psychology of Education, 28*(2), 399–420. doi:10.1007/s10212-012-0120-y
- Akcinar, B., Shaw, D. (2017). Independent Contributions of Early Positive Parenting and Mother–Son Coercion on Emerging Social Development. *Child Psychiatry Hum Dev, 49*(3), 385-395. doi: 10.1007/s10578-017-0758-4
- Alatupa, S., Pulkki-Råback, L., Hintsanen, M., Elovainio, M., Mullola, S., & Keltikangas-Järvinen, L. (2013). Disruptive behavior in childhood and socioeconomic position in adulthood: A prospective study over 27 years. *International Journal of Public Health, 58*(2), 247–256. doi:10.1007/s00038-012-0408-3
- Allen, T. D., Herst, D. E. L., Bruck, C. S., & Sutton, M. (2000). Consequences associated with work-to-family conflict: A review and agenda for further research. *Journal of Occupational Health Psychology, 5*, 278–308. doi: 10.1037/1076-8998.5.2.278
- Allen, T. (2001). Family-supportive work environments: The role of organizational perceptions. *Journal of Vocational Behaviour, 58*, 414-435. doi:10.1006/jvbe.2000.1774
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development, 37*, 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph, 4*(1), 1-103. doi:10.1037/h0030372
- Baumrind, D. (1991). Parenting styles and adolescent development. In J. Brooks-Gunn, R. M. Lerner, & A. C. Petersen (Eds.), *The encyclopedia on adolescence* (pp. 746-758). New York: Garland Publishing.
- Becker, G. S., & Tomes, N. (1994). *Human capital and the rise and fall of families Human capital: A theoretical and empirical analysis with special reference to education*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Behrman, J.R., Rosenzweig, M.R., Taubman, P., 1994. Endowments and the allocation of schooling in the family and in the marriage market: the twins experiment. *J. Political Econ, 102*(6), 1131-1174.
- Behrman, J. R. (1997). Intrahousehold distribution and the family. In M. R. Rosenzweig and O. Stark (Eds.), *Handbook of Population and Family Economics: Volume 1A*. (pp. 125–187). Amsterdam et al.: Elsevier.

Bell, L. and Freeman, R. B. (2001) Working hard. In G. Wong & G. Picot (Eds.), *Working time in comparative perspective*, (pp.71-105), Kalamazoo, Michigan: W. E. Upjohn Institute for Employment Research.

Berger, A., Paxson, C., Waldfogel, J. (2009). Income and child development. *Children and Youth Services Review*, 31(9), 978–989.

Bradley, R. H., & Caldwell, B. M. (1984). The HOME Inventory and family demographics. *Developmental Psychology*, 20(2), 315-320. [doi:10.1037/0012-1649.20.2.315](https://doi.org/10.1037/0012-1649.20.2.315)

Callister, P. (2003). Overwork, work schedules, working at home and time spent with family members: How time use data can inform work/life policy. working paper, www.callister.co.nz

Carlson, D. S., Kacmar, K. M., & Williams, L. J. (2000). Construction and Initial Validation of a Multidimensional Measure of Work–Family Conflict. *Journal of Vocational Behavior*, 56(2), 249–276. doi:10.1006/jvbe.1999.1713

Carlson, M. J. and Corcoran, M. E. (2001) Family structure and children's behavioral and cognitive outcomes. *Journal of Marriage and Family*, 63, 779–792.

Carvalho, V. S., & Chambel, M. J. (2016). Work-to-Family Enrichment and Conflict Profiles: Job Characteristics and Employees' Well-Being. *The Spanish Journal of Psychology*, 19. doi:10.1017/sjp.2016.63

Chang, H., Shaw, D. S., Shelleby, E. C., Dishion, T. J., Wilson, M. N. (2017) The long-term effectiveness of the family check-up on peer preference: parent-child interaction and child effortful control as sequential mediators. *J Abnorm Child Psychol* 45(4), 705–717. doi:10.1007/s10802-016-0198-9

Coleman, J. S. (1994). Social capital, human capital, and investment in youth. *Youth Unemployment and Society*, 34–50. doi:10.1017/cbo9780511664021.004

Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annual Review of Psychology*, 58, 175–199.

Cunha, F., & Heckman, J. (2007). The technology of skill formation. *American Economic Review*, 97(2), 31–47.

Del Bono, E., Ermisch, J., Francesconi, M., 2012. Intrafamily resource allocations: a dynamic structural model of birth weight. *J. Labor Econ.* 30 (3), 657-706.

DGEEC (2016). Desigualdades Socioeconómicas e Resultados Escolares. Retrieved from [http://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=DesigualdadesResultadosEscolares.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=DesigualdadesResultadosEscolares.pdf)

Dix, T. (1991) The affective organization of parenting: adaptive and maladaptive processes. *Psychol Bull* 110(1), 3-25.

Duncan, G. J., Brooks-Gunn, J., Klebanov, P. K. (1994). Economic deprivation and early-childhood development. *Child Development*, 65, 296-318.

Duncan, G. J., Yeung, W. J., Brooks-Gunn, J., & Smith, J. R. (1997). How much does childhood poverty affect the life chances of children? *American Sociological Review*, 63, 406-423.

Ermisch, J., Jäntti, M. & Smeeding, T. M. (Eds.) (2012). *From Parents to Children: The Intergenerational Transmission of Advantage*. New York: The Russell Sage Foundation.

Fernald, A. , Marchman, V. A., Weisleder, A. (2013). SES Differences in Language Processing Skill and Vocabulary are Evident at 18 Months. *Developmental Science*, 16(2), 234–248.

Foster, E. M. (2002). How Economists Think about Family Resources and Child Development. *Child Development*, 73(6), 1904-1914.

Greenhaus, J.H., Kopelman P. (1981). Conflict between work and non-work roles: Implications for the career planning process. *Human Resource Planning*, 4, 1-10.

Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of conflict between work and family roles. *Academy of Management Review*, 10, 76–88.

Gutek, B. A., Searle, S., & Klepa, L. (1991). Rational versus gender role explanations for work–family conflict. *Journal of Applied Psychology*, 76, 560–568.

Hayes, A. (2013). *Introduction to mediation moderation and conditional process analysis*. New York: The Guilford Press.

Heckman, J. J. & Kautz, T. (2012). Hard evidence on soft skills. *Labour Economics*, 19 (4), 451–464. doi:10.1016/j.labeco.2012.05.014

Heymann, J. S. and Earle, A. (2001) The impact of parental working conditions on school-age children: *The case of evening work, Community, Work & Family*, 4(3), 305-325.

Kanter, R. M. (1977). *Work and family in the United States: A critical review and agenda for research and policy*. New York: Russell Sage Foundation.

Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of Competence and Adjustment among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent, and Neglectful Families. *Child Development*, 62(5), 1049–1065. doi:10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x

Lareau, A., 1987. Social class differences in family-school relationships: the importance of cultural capital. *Sociology of Education* 60, 73–85.

Lee, V. E., & Burkam, D. T. (2002). *Inequality at the starting gate: Social background differences in achievement as children begin school*. Washington, DC: Economic Policy Institute.

Locke, L. M., & Prinz, R. J. (2002). Measurement of parental discipline and nurturance. *Clinical Psychology Review, 22*, 895-930. doi:10.1016/S0272-7358(02)00133-2

Lynch, J.L., Brooks, R., 2013. Low birth weight and parental investment: do parents favor the fittest child?. *J. Marriage Fam, 75* (3), 533-543.

Mason, W. A., Kosterman, R., Hawkins, J. D., Herrenkohl, T. I., Lengua, L. J., & McCauley, E. (2004). Predicting depression, social phobia, and violence in early adulthood from childhood behavior problems. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 43*(3), 307–315. doi: 10.1097/00004583-200403000-00012

Matthews, R. A., Kath, L. M., & Barnes-Farrell, J. L. (2010). A short, valid, predictive measure of work–family conflict: Item selection and scale validation. *Journal of Occupational Health Psychology, 15*(1), 75–90. doi:10.1037/a0017443

McNall, L. A., Nicklin, J. M., & Masuda, A. D. (2010). A meta-analytic review of the consequences associated with work–family enrichment. *Journal of Business and Psychology, 25*, 381–396. doi:10. 1007/s10869-009-9141-1.

OCDE (2007). OECD Insights Human Capital: How what you Know Shapes your Life. Retrieved from <https://www.oecd.org/insights/38435906.pdf>

Pedro, M., & Ribeiro, M. T. (2015). Adaptação Portuguesa do Questionário de Coparentalidade: Análise Fatorial Confirmatória e Estudos de Validade e Fiabilidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 28*(1), 116-125. doi:10.1590/1678-7153.201528113

Pinto, A. I., Pessanha, M., & Aguiar, C. (2013). Effects of home environment and center-based child care quality on children’s language, communication, and literacy outcomes. *Early Childhood Research Quarterly, 28*(1), 94–101. doi:10.1016/j.ecresq.2012.07.001

Poelmans, S., Odle-Dusseau, H., & Beham, B. (2009). Work-life balance: Individual and organizational strategies and practices. In S. Cartwright & C. L. Cooper (Eds.), *The Oxford handbook of organizational well-being* (pp. 180–212). Oxford: University Press. doi: 10.1093/oxfordhb/9780199211913.003.0009

Roberts, B. W., Kuncel, N. R., Shiner, R., Caspi, A. & Goldberg, L. R. (2007). The power of personality: The comparative validity of personality traits, socioeconomic status, and cognitive ability for predicting important life outcomes. *Perspectives on Psychological Science, 2* (4), 313–345. doi:10.1111/j.1745-6916.2007.00047.x.

Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (1995). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological Reports, 77*, 819-830. doi:10.2466/pr0.1995.77.3.819

Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S., & Hart, C. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire (PSDQ). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos, & G. W. Holden (Eds.),

Handbook of family measurement techniques: Vol. 3. Instruments & Index (pp. 319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.

Scarr, S., & McCartney, K. (1983). How people make their own environments: A theory of genotype → environment effects. *Child Development*, *54*(2), 424–435.

Schultz, T.W. (1961), “*Investment in Human Capital*”, *The American Economic Review*, Vol. 51, No. 1, March 1961, American Economic Association Publications, Pittsburgh, Pennsylvania.

Servino, S. (2010). Fatores estressores em profissionais de tecnologia da informação e suas estratégias de enfrentamento. Universidade Católica de Brasília.

Shonkoff, J., & Phillips, D. (Eds.). (2000). *From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development*. Washington, DC: National Academy Press.

Sirin, S. R. (2005). Socioeconomic status and academic achievement: A meta-analytic review of research. *Review of Educational Research*, *75*(3), 417–453.

Smith, J., Brooks-Gunn, J., & Klebanov, P. (1997). *Consequences of living in poverty for young children's cognitive and verbal ability and early school achievement*. 1997. In G.Duncan, & J.Brooks-Gunn (Eds.), *Consequences of Growing Up Poor* New York: Russell Sage.

Vasilyeva, M., Waterfall, H., & Huttenlocher, J. (2008). Emergence of syntax: Commonalities and differences across children. *Developmental Science*, *11*, 84–97.

Vieira, J. M., Lopez, F. G., & Matos, P. M. (2014). Further validation of Work–Family Conflict and Work–Family Enrichment Scales among Portuguese working parents. *Journal of Career Assessment*, *22*(2), 329-344. doi:10.1177/1069072713493987

Vitaro, F., Brendgen, M., Larose, S., & Trembaly, R. E. (2005). Kindergarten disruptive behaviors, protective factors, and educational achievement by early adulthood. *Journal of Educational Psychology*, *97*(4), 617–629. doi:10.1037/0022-0663.97.4.617

Weber, L. N., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Em Psicologia: Reflexão e Crítica*, *17*(3), 323-331.

Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, *20*, 1-12. doi:10.1016/j.ecresq.2005.01.007

Yeung, W. J., Linver, M. R., & Brooks-Gunn, J. (2002). How money matters for young children’s development: parental investment and family processes. *Child Development*, *73*(6), 1861–1879.

ANEXOS

Anexo I:

Correlações

		HOME_VALID	NSE	Conflito	democratico2	autoritario2	permissivo2
HOME_VALID	Correlação de Pearson	1	,642**	-,563**	,675**	-,559**	-,313**
	Sig. (2 extremidades)		,000	,000	,000	,000	,007
	N	73	73	72	73	73	73
NSE	Correlação de Pearson	,642**	1	-,539**	,487**	-,460**	-,313**
	Sig. (2 extremidades)	,000		,000	,000	,000	,007
	N	73	80	72	73	73	73
Conflito	Correlação de Pearson	-,563**	-,539**	1	-,774**	,682**	,396**
	Sig. (2 extremidades)	,000	,000		,000	,000	,001
	N	72	72	72	72	72	72
democratico2	Correlação de Pearson	,675**	,487**	-,774**	1	-,748**	-,475**
	Sig. (2 extremidades)	,000	,000	,000		,000	,000
	N	73	73	72	73	73	73
autoritario2	Correlação de Pearson	-,559**	-,460**	,682**	-,748**	1	,423**
	Sig. (2 extremidades)	,000	,000	,000	,000		,000
	N	73	73	72	73	73	73
permissivo2	Correlação de Pearson	-,313**	-,313**	,396**	-,475**	,423**	1
	Sig. (2 extremidades)	,007	,007	,001	,000	,000	
	N	73	73	72	73	73	73

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Anexo II:

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.2.03 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
 Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
 Y : HOME_VAL
 X : NSE
 M : Conflito

Sample
 Size: 72

OUTCOME VARIABLE:

Conflito

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,5392	,2907	186,5715	28,6907	1,0000	70,0000
	,0000					

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	42,3642	1,6105	26,3054	,0000	39,1522	45,5762
NSE	-4,6213	,8628	-5,3564	,0000	-6,3420	-2,9005

OUTCOME VARIABLE:

HOME_VAL

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,6927	,4798	3,7744	31,8214	2,0000	69,0000
	,0000					

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	7,3547	,7558	9,7316	,0000	5,8470	8,8624
NSE	,6781	,1457	4,6541	,0000	,3875	,9688
Conflito	-,0501	,0170	-2,9475	,0044	-,0840	-,0162

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:

HOME_VAL

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p						

,6437 ,4143 4,1890 49,5170 1,0000 70,0000
,0000

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	5,2319	,2413	21,6807	,0000	4,7506	5,7132
NSE	,9097	,1293	7,0368	,0000	,6519	1,1675

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y

Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
c_ps	c_cs				
,9097	,1293	7,0368	,0000	,6519	1,1675
,3426	,6437				

Direct effect of X on Y

Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
c'_ps	c'_cs				
,6781	,1457	4,6541	,0000	,3875	,9688
,2554	,4798				

Indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Conflito	,2316	,0844	,0736	,4063

Partially standardized indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Conflito	,0872	,0324	,0281	,1564

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Conflito	,1638	,0570	,0527	,2774

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:

95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:

10000

NOTE: Variables names longer than eight characters can produce incorrect output.

Shorter variable names are recommended.

----- END MATRIX -----

Anexo III:

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.2.03 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
 Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
 Y : democrat
 X : NSE
 M : Conflito

Sample
 Size: 72

OUTCOME VARIABLE:
 Conflito

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,5392	,2907	186,5715	28,6907	1,0000	70,0000
	,0000					

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	42,3642	1,6105	26,3054	,0000	39,1522	45,5762
NSE	-4,6213	,8628	-5,3564	,0000	-6,3420	-2,9005

OUTCOME VARIABLE:
 democrat

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,7792	,6072	,2662	53,3343	2,0000	69,0000
	,0000					

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	5,0813	,2007	25,3158	,0000	4,6809	5,4817
NSE	,0444	,0387	1,1476	,2551	-,0328	,1216
Conflito	-,0362	,0045	-8,0255	,0000	-,0452	-,0272

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:
 democrat

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,4905	,2406	,5074	22,1734	1,0000	70,0000
	,0000					

Model	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	3,5462	,0840	42,2238	,0000	3,3787	3,7137
NSE	,2119	,0450	4,7089	,0000	,1221	,3016

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y						
	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
c_ps	c_cs					
	,2119	,0450	4,7089	,0000	,1221	,3016
	,2610	,4905				

Direct effect of X on Y						
	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
c'_ps	c'_cs					
	,0444	,0387	1,1476	,2551	-,0328	,1216
	,0547	,1028				

Indirect effect(s) of X on Y:				
	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Conflito	,1675	,0313	,1113	,2351

Partially standardized indirect effect(s) of X on Y:				
	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Conflito	,2063	,0341	,1461	,2814

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:				
	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Conflito	,3877	,0567	,2762	,5024

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:
10000

NOTE: Variables names longer than eight characters can produce incorrect output.
Shorter variable names are recommended.

----- END MATRIX -----

Anexo IV:

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.2.03 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
Y : autorita
X : NSE
M : Conflito

Sample
Size: 72

OUTCOME VARIABLE:
Conflito

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,5392	,2907	186,5715	28,6907	1,0000	70,0000
,0000						

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	42,3642	1,6105	26,3054	,0000	39,1522	45,5762
NSE	-4,6213	,8628	-5,3564	,0000	-6,3420	-2,9005

OUTCOME VARIABLE:
autorita

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,6906	,4770	,3733	31,4602	2,0000	69,0000
,0000						

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	,9353	,2377	3,9352	,0002	,4612	1,4095
NSE	-,0584	,0458	-1,2739	,2070	-,1498	,0330
Conflito	,0316	,0053	5,9069	,0000	,0209	,0422

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:
autorita

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,4609	,2125	,5540	18,8853	1,0000	70,0000
,0000						

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	2,2732	,0878	25,9019	,0000	2,0982	2,4482
NSE	-,2043	,0470	-4,3457	,0000	-,2981	-,1105

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y							
	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI	
c_ps	c_cs						
	-,2043	,0470	-4,3457	,0000	-,2981	-,1105	-
	,2453	-,4609					

Direct effect of X on Y							
	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI	
c'_ps	c'_cs						
	-,0584	,0458	-1,2739	,2070	-,1498	,0330	-
	,0701	-,1317					

Indirect effect(s) of X on Y:				
	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Conflito	-,1459	,0334	-,2167	-,0871

Partially standardized indirect effect(s) of X on Y:				
	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Conflito	-,1752	,0343	-,2470	-,1134

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:				
	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
Conflito	-,3292	,0603	-,4468	-,2135

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:
10000

NOTE: Variables names longer than eight characters can produce incorrect output.
Shorter variable names are recommended.

----- END MATRIX ----

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.2.03 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
Y : permissi
X : NSE
M : Conflito

Sample
Size: 72

OUTCOME VARIABLE:
Conflito

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,5392	,2907	186,5715	28,6907	1,0000	70,0000
	,0000					

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	42,3642	1,6105	26,3054	,0000	39,1522	45,5762
NSE	-4,6213	,8628	-5,3564	,0000	-6,3420	-2,9005

OUTCOME VARIABLE:
permissi

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,4135	,1710	,3896	7,1155	2,0000	69,0000
	,0016					

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	1,5887	,2428	6,5431	,0000	1,1043	2,0731
NSE	-,0508	,0468	-1,0843	,2820	-,1441	,0426
Conflito	,0134	,0055	2,4584	,0165	,0025	,0243

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:
permissi

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2
p	,3136	,0984	,4177	7,6371	1,0000	70,0000
	,0073					

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	2,1575	,0762	28,3146	,0000	2,0055	2,3095

```

NSE          -,1128      ,0408    -2,7635      ,0073     -,1942     -,0314

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y
      Effect          se          t          p          LLCI          ULCI
c_ps      c_cs
-,1128    ,0408    -2,7635    ,0073    -,1942    -,0314    -
,1669    -,3136

Direct effect of X on Y
      Effect          se          t          p          LLCI          ULCI
c'_ps     c'_cs
-,0508    ,0468    -1,0843    ,2820    -,1441    ,0426    -
,0751    -,1411

Indirect effect(s) of X on Y:
      Effect      BootSE      BootLLCI      BootULCI
Conflito    -,0620      ,0318      -,1275      -,0009

Partially standardized indirect effect(s) of X on Y:
      Effect      BootSE      BootLLCI      BootULCI
Conflito    -,0918      ,0469      -,1883      -,0014

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:
      Effect      BootSE      BootLLCI      BootULCI
Conflito    -,1725      ,0859      -,3444      -,0024

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
  95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:
  10000

NOTE: Variables names longer than eight characters can produce incorrect
output.
      Shorter variable names are recommended.

----- END MATRIX -----

```

Anexo VI:

Questionário demográfico:

Dados Demográficos

É importante recolhermos alguns dados demográficos sobre si para podermos comparar as opiniões de diferentes grupos de trabalhadores.

Q1 Idade (1)

Q2 Sexo.

Masculino (2)

Feminino (3)

Q3 Estado Civil.

Solteiro(a) (4)

Divorciado(a), separado(a), judicialmente ou de facto (5)

Casado(a) ou em União de Facto (6)

Viúvo(a) (7)

Q4 Quantas pessoas compõem o agregado familiar, contando consigo (8): _____

Q5 Quantas pessoas no agregado familiar recebem um salário (9): _____

Q6 Qual o seu salário?

- 500-1000 euros (10)
 - 1000-1500 euros (11)
 - 1500-200 euros (12)
 - 2000-2500 euros (13)
 - Mais de 2500 euros (14)
-

Q7 Número de filhos (15): _____

Idades: _____

Q8 Escolaridade.

- Até ao 9º Ano (16)
 - 10º - 12º Ano (17)
 - Bacharelato/ Licenciatura (18)
 - Mestrado (19)
 - Doutoramento (20)
-

Q9 Tipologia do seu contrato de trabalho atual.

- Contrato de trabalho por tempo indeterminado (21)
 - Contrato de trabalho a termo resolutivo certo (22)
 - Contrato de trabalho a termo resolutivo incerto (23)
 - Contrato de trabalho temporário (através de uma agência de contratação) (24)
 - Outro (25) _____
-

Q10 Setor de atividade da empresa onde trabalha neste momento (26).

Q11 Função que desempenha neste momento (27).

Q12 Qual a carga horária de trabalho semanal, que pratica neste momento?

- Tempo completo (35 a 40 horas semanais). (28)
- Tempo parcial (16 a 35 horas semanais). (29)
- Tempo parcial (até 15 hora semanais). (30)

Q13 Em média, quantas horas trabalha efectivamente por semana ? (31) _____

Q14

Assinale, por favor, se aceita ou não que os dados deste questionário possam vir a ser utilizados para investigação a ser desenvolvida pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

Q15 Relembramos que todos os dados estão protegidos por sigilo e anonimato.

- Sim, aceito. (32)
- Não, não aceito. (33)
-

Q16 Pedimos-lhe então que se tiver mais de um filho/a, pense a partir de agora no seu filho/a mais novo/a:

Q17 Sexo do seu filho/a.

- Masculino (34)
- Feminino (35)

Q18 Qual a idade do seu filho/a?

Em que ano escolar se encontra?

- Pré-escolar (36)
- Primeiro ciclo (37)

O seu filho já reprovou?

Numa escala de 0 a 10 qual considera ser o aproveitamento escolar do seu filho?

Questionário que avalia a qualidade do ambiente familiar das crianças (HOME):

Instruções:

Esta seção pretende dar-nos a conhecer um pouco das atividades que realiza com o/a seu filho/a e alguns dos hábitos da criança:

No caso de o/a seu filho/a ter entre 3 a 5 anos, responda as 10 questões seguintes. Se tiver entre 6 e 9, avance por favor para a questão 11:

1. Quantas vezes por semana lê histórias ao seu/sua filho(a)?
2. Mais ou menos quantos livros infantis tem a sua criança?
3. Mais ou menos quantas revistas/jornais são lidos regularmente na sua família?
4. A criança tem acesso a música em casa?
5. Ajuda (ou alguém em casa) ajuda o seu/sua filho(a) a aprender os números?
6. Ajuda (ou alguém em casa) ajuda o seu/sua filho(a) a aprender o alfabeto?
7. Ajuda (ou alguém em casa) ajuda o seu/sua filho(a) a aprender as cores?
8. Ajuda (ou alguém em casa) ajuda o seu/sua filho(a) a aprender as formas geométricas e tamanhos?
9. Com que frequência o seu/sua filho(a) é levado(a) a sair consigo semanalmente (i.e., ida ao supermercado)?
10. Com que frequência a criança foi levada a um museu, teatro ou concerto no último ano?

Se o seu filho/a tiver entre 6 e 9 anos:

11. Quantas vezes por semana lê histórias ao seu/sua filho(a)?
12. Mais ou menos quantos livros infantis tem a sua criança?
13. Existe algum instrumento musical que a criança possa tocar em casa?
14. A família lê jornais diariamente?
15. Quantas vezes por semana o seu filho lê por lazer?
16. Na sua família as crianças são encorajadas a começar e continuar atividades e *hobbies*?
17. A criança recebe lições extracurriculares ou pertence a alguma organização com atividades como desportos, música, arte, dança, teatro etc.?
18. Com que frequência no último ano um membro da família levou ou organizou uma ida da criança a um museu?
19. Com que frequência no último ano um membro da família levou ou organizou uma ida da criança a um musical, teatro ou concerto?
20. Quando o seu/sua filho(a) vê televisão, discute os programas com ele(a)?

Questionário de estilos e dimensões parentais (PSQD):

Por favor, leia cada frase do questionário e responda com que frequência atua desse modo com o(a) seu/sua filho(a).

Atuo desta maneira:

1 = Nunca

- 2 = Poucas vezes
- 3 = Algumas vezes
- 4 = Bastantes vezes
- 5 = Sempre

1. Dou resposta aos sentimentos e necessidades do(a) meu/minha filho(a)
2. Castigo fisicamente o(a) meu/minha filho(a) como forma de o(a) disciplinar
3. Tomo em conta o que o(a) meu/minha filho(a) quer ou deseja antes de lhe pedir para fazer algo
4. Quando o(a) meu/minha filho(a) pergunta por que razão tem que obedecer, respondo: “Porque eu digo” ou “Porque sou teu/tua pai/mãe e quero que o faças”
5. Explico ao (à) meu/minha filho(a) como me sinto quando se porta bem e quando se porta mal
6. Dou uma palmada ao(à) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente
7. Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a falar dos seus problemas
8. Acho difícil disciplinar o(a) meu/minha filho(a)
9. Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a expressar-se livremente, mesmo quando não está de acordo comigo
10. Castigo o(a) meu/minha filho(a) retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma explicação
11. Saliento as razões das regras que estabeleço
12. Quando o(a) meu/minha filho(a) está chateado(a), dou-lhe apoio e consolo
13. Grito ou falo alto quando o(a) meu/minha filho(a) se porta mal
14. Elogio o(a) meu/minha filho(a) quando se comporta ou faz algo bem
15. Cedo ao(à) meu/minha filho(a) quando faz uma birra por qualquer coisa
16. Enfureço-me com o(a) meu/minha filho(a)
17. São mais as vezes em que ameaço castigar o(a) meu/minha filho(a) do que aquelas em que realmente o(a) castigo
18. Tomo em conta as preferências do(a) meu/minha filho(a) quando faço planos familiares
19. Agarro o(a) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente
20. Dito castigos ao(à) meu/minha filho(a) mas realmente não os aplico
21. Demonstro respeito pelas opiniões do(a) meu/minha filho(a) incentivando que as expresse

22. Permito que o(a) meu/minha filho(a) dê a sua opinião relativamente às regras familiares
23. Ralho e critico para fazer o(a) meu/minha filho(a) melhorar
24. Estrago o(a) meu /minha filho(a) com mimos
25. Explico ao(à) meu/minha filho(a) por que razões as regras devem ser obedecidas
26. Uso ameaças como forma de castigo com poucas ou nenhuma justificações
27. Tenho momentos especiais e calorosos com o(a) meu/minha filho(a)
28. Castigo o(a) meu/minha filho(a) colocando-o(a) algures sozinho(a) com poucas ou nenhuma explicações
29. Ajudo o(a) meu/minha filho(a) a perceber o resultado do seu comportamento incentivando-o(a) a falar acerca das consequências das suas ações
30. Ralho e critico quando o comportamento do(a) meu/minha filho(a) não corresponde às minhas expectativas
31. Explico ao(à) meu/minha filho(a) as consequências do seu comportamento
32. Dou uma palmada no(a) meu/minha filho(a) quando se porta mal

Questionário Conflito trabalho-família (WFCS):

Este questionário pretende uma reflexão sobre o seu trabalho e a sua família e, a forma como um influencia o outro. Por favor, leia cada frase do questionário e responda com que frequência lhe acontecem as situações referenciadas nas 15 frases seguintes.

Atuo desta maneira:

1 = Quase nunca

2 = Poucas vezes

3 = Algumas vezes

4 = Muitas vezes

5 = Quase sempre

1. Sinto que não tenho tempo suficiente para as minhas tarefas em casa, devido ao tempo que tenho de despende no trabalho.
2. O stress provocado pelo meu emprego faz com que chegue a casa irritado.
3. Sinto-me “culpado” por gastar tanto tempo no emprego e não ter tempo suficiente para a família.
4. Quando chego a casa vindo do emprego, estou demasiado cansado fisicamente para fazer as tarefas familiares.
5. O meu trabalho permite-me ter tempo para cumprir com as minhas responsabilidades familiares.
6. O meu trabalho afasta-me, mais do que gostava, das atividades familiares.
7. A tensão e a ansiedade provocadas pelo meu emprego interferem com a minha vida familiar.
8. Tenho tanto trabalho para fazer no meu emprego, que não consigo descontraí-me quando estou com a minha família.
9. As exigências do meu trabalho tornam difícil manter o tipo de relação que eu gostaria de ter com o meu marido/ minha mulher e/ou com os meus filhos.
10. Quando chego a casa do trabalho estou emocionalmente tao cansado, que não consigo estar disponível para a minha família.
11. O meu emprego retira-me tempo que eu gostaria de passar com a minha família/amigos.
12. Os meus chefes e colegas não gostam da frequência com que eu estou preocupado com a minha vida pessoal no trabalho.
13. Enquanto estou em casa, estou preocupado com o trabalho.
14. O meu emprego interfere negativamente com as minhas tarefas familiares.
15. Devido a todas as pressões do emprego, quando chego a casa estou demasiado stressado para fazer as coisas de que gosto.